

A TRANSFERENCIA E A DIMENSÃO DRAMÁTICA DA PSICOPEDAGOGIA

Texto elaborado a partir do V encontro institucional do Tekoa

Por Anne Marie Bouyer (membro da equipe efetiva do Tekoa)

Os problemas de aprendizagem foram a plataforma para o lançamento do campo da psicopedagogia que atua na investigação e intervenção deste universo. A psicopedagogia estuda o pensamento no ato de conhecer e, assim, ela se ocupa das dimensões lógicas e desiderativas do sujeito que aprende. E a nossa exposição irá se deter na dimensão dramática da psicopedagogia.

Este título vem esclarecer logo de início a transferência enquanto fenômeno que ocorre nas relações humanas de toda ordem. Sabemos que pode ocorrer a operação de transferência na relação do psicopedagogo e o cliente pelo espaço que se cria entre estes dois sujeitos.

A dimensão dramática se refere ao mundo pessoal de cada um. Nossos sonhos, desejos, temores, receios, angústias, o que nos faz rir, chorar, e , num instante ou não, enxugar as lágrimas e estar pronto para dar conta da objetividade que a vida nos impõe. Talvez este seja o grande desafio do ser humano, tentar equilibrar as duas dimensões para que possamos caminhar de forma satisfatória.

A palavra transferência é de origem latina, composta pela preposição TRANS (além de) e pelo verbo FERRE (levar, trazer, transportar e *suportar*). Podemos perceber que a transferência nos dá a idéia inicial de transportar algo para além. E quem transporta, transfere alguma coisa de um lugar para outro. Do ponto de vista psicodinâmico, podemos pensar que a transferência é algo que foi vivenciado no passado e que transferimos para uma situação presente. É uma ação de reprodução. O “além de” seria a própria condição que um trabalho analítico propicia e que veremos adiante. É psicodinâmico, pois, a transferência se dá na dinâmica do psiquismo, no encontro dos inconscientes, através das palavras, do brincar, do gestual, da postura e das ações.

Sobre o fenômeno da transferência Lacan nos diz: *“A presença do passado, pois, tal é a realidade da transferência. É uma presença um pouco mais que presença – é uma presença em ato, uma reprodução. O fenômeno da transferência se manifesta na relação com alguém a quem se fala. Este fato é constitutivo”*.

Se a transferência é da ordem do humano, o que diferencia este fenômeno em um trabalho analítico?

Segundo Freud, o fenômeno da transferência é muito mais intenso na vida cotidiana do que no espaço clínico. Isto se deve principalmente à própria constituição subjetiva do sujeito, ou seja, a dimensão do desejo. Sabemos que o ser humano nasce “não todo”, incompleto, a ser constituído. Portanto, ele é marcado por uma falta original que funda o sujeito em uma estrutura desejante. É na relação especular (mãe/filho) que pode se construir uma matriz de desejo que se reproduzirá como um “clichê estereotípico”, reimpresso inúmeras vezes na relação com o outro, que se traduz no posicionamento original de cada sujeito diante da vida. Neste sentido, cada ser nas relações que estabelece na vida transfere para o outro, em maior ou menor intensidade, “idéias antecipadas” construídas nas relações pretéritas e atualizadas no presente. Estas idéias antecipadas nada mais são do que os efeitos imaginários que o sujeito edifica em suas relações primárias. Eis o fenômeno da transferência nas relações humanas, vivenciado dialeticamente. (eu /outro).

O que acontece, então, num espaço clínico? Qual o lugar que o psicopedagogo ocupa no imaginário do sujeito?

Muitas vezes o psicopedagogo pode ocupar o lugar da mãe, do pai ou do professor. O sujeito se identifica com algum significante que tenha uma ressonância afetiva para ele, estabelecendo assim, um vínculo que propicia o início de um trabalho clínico.

(transferência positiva).

. Mas será que é sempre assim?

Freud em seu texto sobre a “Dinâmica da transferência”, nos diz que a transferência aparece na psicanálise como resistência e que esta acompanha todo o tratamento.

O que vem a ser resistência e como ela aparece durante o tratamento?

A resistência é um processo natural que, muitas vezes, obstrui os passos do sujeito. Não podemos esquecer que a resistência é um mecanismo de defesa que o sujeito se utiliza para caminhar na vida. Podemos perceber então, que a transferência é uma moeda em que os dois lados traduzem a ambigüidade que constitui a subjetividade humana. É um querer e não querer. Crescer dá trabalho pois implica em uma mudança. Não crescer, muitas vezes, traz um ganho secundário que coloca o sujeito no lugar de objeto, agindo passivamente. Por isso que um trabalho clínico exige do psicopedagogo, uma disponibilidade interna capaz de acolher o sujeito tal qual ele chega a nós e , ao mesmo tempo, uma habilidade para não desmontar o sujeito em sua estrutura que o constitui.

Neste sentido, a postura clínica do psicopedagogo implica no manejo da transferência para que o sujeito possa dar um novo sentido às suas ações e lidar melhor com sua aprendizagem. De que forma? Permitindo que o sujeito deposite na figura do psicopedagogo qualquer imago que ele se identifique e, ao mesmo tempo, na medida do possível, não responder desse lugar. Sendo assim, o sujeito poderá se mobilizar e sair do lugar que o aprisiona.

.Se a psicanálise trabalha fundamentalmente com o sujeito do desejo, a psicopedagogia trabalha com o sujeito da aprendizagem que envolve tanto a dimensão subjetiva como a objetiva.. Sendo assim, o objeto de estudo do psicopedagogo é o sujeito que aprende diante de seus saberes e ignorâncias, numa relação recíproca na qual ambos são sujeitos da aprendizagem. O espaço clínico é um lugar de criação.Os recursos que são utilizados como instrumentos de intervenção podem ser reinventados em nossa clinica com o propósito de servir ao cliente à sua possível transformação.

Qual o lugar que o psicopedagogo deve ocupar?

Jamais devemos esquecer que para realizar um trabalho clínico em alguém, é condição indispensável passarmos por um processo analítico. Sem esta passagem, podemos cair nas armadilhas das nossas contratransferências e tornar nosso trabalho obscuro e infrutífero.

O foco do trabalho do psicopedagogo é a aprendizagem. Aprendemos porque nos falta. Falta que nos faz desejar e buscar conhecer os enigmas que nos cerca. A cada cliente que chega, nos perguntamos o que aconteceu com o desejo de aprender, em que momento esse desejo se perdeu? Saiu do trilho? Se desviou?Até que ponto este sujeito não corresponde ao que estão pedindo porque está além ou aquém de suas possibilidades? Falta de interesse, muito agitado, não sabe ler nem escrever, tem preguiça, não aprendeu nada...

São tantas queixas...O que faz o sujeito perder o brilho em aprender sobre ele mesmo e o mundo que o cerca é o nosso grande desafio.

Para finalizar nosso trabalho, deixamos uma frase para que cada um interprete ao seu modo o que tentamos expor aqui. É uma frase de Saint Exupéry do livro “ O pequeno príncipe”: “O essencial é invisível aos olhos”. O essencial não é captar com os olhos e sim, com as lentes que estão por detrás dos sintomas, tentar decifrar seus significados que são peculiares a cada ser humano com sua história.

Rio de Janeiro, 4 de julho de 2009.